

Bolsonaro não é o único problema.

Tenho insistido que a questão Bolsonaro não se esgota no inominável , aqui nominado para efeitos de reflexão. Ele reflete o pensamento militar dominante, cujas raízes estão na "limpeza" ideológica feita nas Forças Armadas depois de 64. Vale ver o filme OS MILITARES QUE DISSERAM NÃO, que evidencia a pluralidade ideológica anterior ao Golpe de 64, financiado e conduzido pela inteligência americana. Um golpe, sobretudo, anti-nacional, porque dirigido do exterior. Eu próprio, fui cadete na ESCOLA PREPARATÓRIA DE PORTO ALEGRE antes de 64 e posso testemunhar a pluralidade de ideias dos oficiais e professores daquela época. Por razões pessoais não quis seguir a carreira militar, típica da família. O que quero dizer é que, desde a redemocratização, não conseguimos entronizar nas FFAA um pensamento realmente democrático. Vigoram e vicejam as ideias da Era da Guerra Fria, acrescidas de uma nova suposta ameaça às instituições democráticas representadas pelo ambientalismo. Ver, por exemplo, o GLOBONEWS PAINEL do ultimo dia 15 set. Ora, isso tudo é extemporâneo e inadequado às novas exigências da competitividade internacional, as quais impõem uma sólida unidade nacional com vistas à sobrevivência do Brasil como Nação. Para tanto, teremos que enfrentar as tarefas de adequação do protagonismo militar trazido pela campanha de Bolsonaro à esses novos tempos. Ler, a propósito :PARA RETOMAR O FUTURO, por JOSÉ LUÍS FIORI[1]

Publicado em www.desenvolvimentistas.com.br

"As "grandes potências" se protegem coletivamente, impedindo o surgimento de novos estados e economias líderes, através da monopolização das armas, da moeda e das finanças, da informação e da inovação tecnológica. Por isto, uma "potencia emergente" é sempre um fator de desestabilização e mudança do sistema mundial, porque sua ascensão ameaça o monopólio das potências estabelecidas".

J.L.F. "História, Estratégia e Desenvolvimento. Para uma Geopolítica do Capitalismo", Editora Boitempo, 2015, SP, p: 30
